



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Raça e Etnia.

RACISMO E MARXISMO: A POLÊMICA DE MOORE ACERCA DOS PILARES EPISTEMOLÓGICOS

Nelmires Ferreira da Silva¹

Karla Maria Cardosos Araújo Freitas²

Natália Silva Paiva³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo situar o debate a partir de alguns elementos da polêmica travada em torno da questão étnico-racial e o marxismo ao longo dos estudos de Carlos Moore, o qual questiona a ausência dos pilares epistemológicos nas principais obras de Marx e Engels acerca da referida questão. Para isso, realizamos uma pesquisa exploratória, referenciada nos estudos de MARX, Karl (1983;1983 e 1993), MOORE, Carlos (2010) e, de forma complementar, utilizamos as referências de MOURA, Cloves (1983) e ALMEIDA, Silvio (2018), dentre outros. A partir daí, analisamos as discussões com base na abordagem materialista histórico-dialética à luz da teoria da totalidade da vida social (NETTO,2006). Das reflexões obtidas nesse estudo, compreendemos que o marxismo, ao tratar do processo de produção e reprodução das relações sociais numa ordem de exploradores e explorados, formata um movimento societário complexo e amplo da sociabilidade capitalista. Daí visualizamos importantes mediações sócio-históricas, as quais nos aproximam das imbricadas relações entre classes e raças, portanto, dissociá-las é, no mínimo, um equívoco de caráter histórico, teórico-metodológico e prático.

Palavras-chaves: Marxismo, Racismo, Classes Sociais.

Abstract: The present article aims to situate the debate based on some elements of the polemic around ethno-racial question and Marxism throughout the studies of Carlos Moore, which questions the absence of the epistemological pillars in the main works of Marx and Engels concerning that question. For this, we carried out an exploratory research, referring in the studies of MARX, Karl (1983, 1983 and 1993), MOORE, Carlos (2010) and of complementary form we use references of MOURA, Cloves (1983) and ALMEIDA, Silvio (2018), among others. From this, we analyze the discussions based on the historical-dialectical materialist approach in light of the theory of the totality of social life (NETTO, 2006). From the reflections obtained in this study, we understand that Marxism, when dealing with the process of production and reproduction of social relations in an order of explorers and exploited, constitutes a complex and broad societal movement of capitalist sociability. Hence we visualize important sociohistorical mediations, which bring us closer to the imbricated relations between classes and races, so to dissociate it is at least a historical, theoretical-methodological and practical misunderstanding.

Keywords: Marxism, Racism, Social Classes.

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo trazer para o debate alguns elementos da polêmica travada em torno da questão étnico-racial e o marxismo ao longo dos estudos de

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: fnelmires@gmail.com.

² Profissional de Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: fnelmires@gmail.com.

³ Profissional de outras áreas, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: fnelmires@gmail.com.

Carlos Moore, o qual questiona a ausência dos pilares epistemológicos contidos nas principais obras de Marx e Engels acerca da referida questão. Para isso, realizamos uma pesquisa exploratória, referenciada nos estudos de MARX, Karl (1983;1983 e 1993), MOORE, Carlos (2010) e, para auxiliar as reflexões, apropriamo-nos das análises de MOURA, Cloves (1983) e ALMEIDA, Sílvio (2018), dentre outros. Nessa direção, analisamos as discussões com base na abordagem materialista histórico dialética à luz da teoria da totalidade da vida social (NETTO,2006), a qual,

Opera no interior de um universo teórico-cultural e crítico-analítico, que nada concede aos comodismos ligeiros e superficiais que fazem a meteórica notoriedade dos intelectuais sintonizados com o *demier cri* da academia (e da mídia) (BEHRING,2015, p.13).

Para aproximar o debate da relação raça e classe, partimos de alguns elementos abstraídos da obra “O Capital” de Karl Marx, quando então, o citado pensador, situa o tráfico de escravos em sua obra:

[...] a descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras que caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. [...] na Inglaterra, no fim do século XVII, esses momentos foram combinados de modo sistêmico, dando origem ao sistema colonial, ao sistema da dívida pública, ao moderno sistema tributário e ao sistema protecionista. Tais métodos, como por exemplo, o sistema colonial, baseiam-se, em parte, na violência mais brutal (MARX, 2013, p. 820, grifo nosso).

Esta passagem, na obra de Marx, ancora o pressuposto de que a questão étnico-racial é parte estruturante do sistema capitalista, sendo o racismo condição fundante da exploração desse. Daí se compreende que o racismo trata da ideologia construída para sedimentar a dominação europeia sobre outros povos e continentes, construída mediante o tráfico de escravos, vindo a se consolidar com a Revolução Industrial. Com base nesses elementos, entendemos que Marx (1989) não tinha dúvida quanto a isso ao vincular o processo de acumulação primitiva de capital à carnificina da escravização e do colonialismo.

Na contraposição desse pressuposto, os escritos de Carlos Moore categoricamente afirmam que Marx e Engels eram racistas e suas teorias pró-imperialistas e pró-colonialistas. Para Moore, os referidos pensadores, enquanto defensores da supremacia branca e pautados na defesa da raça ariana ou da classe proletária, foram condicionados pelo seu tempo histórico e, conscientemente, defendiam a supremacia racial, cultural, moral e intelectual do Ocidente Europeu sobre o resto da humanidade.

Sob essa afirmativa, passamos a situar alguns trechos de autores marxistas, que nos possibilitam visualizar elementos que refutam essa afirmação. A partir da obra *Ideologia Alemã*, é possível perceber que Marx e Engels não acreditavam numa humanidade alicerçada em bases morais inatas, mas em seres humanos que se constroem por meio de sua relação com a natureza e entre si, mediados pela categoria fundante da sociedade, o trabalho,

[...] antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida [...] (MARX, 1983, pp. 297-298).

Ao garimpar partes dos estudos de Marx, podemos ver que ele reforça o fato dos europeus terem vivido um processo de expansão baseado na exploração do tráfico negreiro e na destruição da África, logo, uma análise rigorosa de importantes trechos das obras dos autores do *Manifesto do Partido Comunista*, leva-nos a colocar em questão tal compreensão de Moore, que acaba negada a incipiente, porém importante contribuição do pensamento marxiano à dimensão étnico-racial nos aspectos estruturantes da exploração capitalista.

A partir desses contrapontos, discutiremos a questão central que move o debate norteador deste estudo, alvo das polêmicas impetradas por Carlos Moore, e que, a partir do debate, esperamos alimentar a importância da tradição racionalista, humanista e revolucionária nos estudos da questão étnico-racial. Nesse sentido, desenvolvemos reflexões partindo de uma rigorosa leitura acerca dos aspectos cruciais da vida social, alimentando a nossa convicção de que a verdade teórica é fundamental à prática política, às lutas e às transformações societárias, ao que não se pode abstrair o papel e a contribuição de um pensador revolucionário comprometido com a práxis emancipatória dos sujeitos sociais.

2 Marx e Engels e a Questão Étnico Racial a partir da visão de Carlos Moore

Carlos Moore, cubano, doutor em etnologia e ciências humanas, ambos pela Universidade de Paris, em sua obra *Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão no Brasil*, afirma que,

[...] não há dúvidas de que o marxismo figura como uma das mais importantes correntes intelectuais e políticas do nosso tempo. As obras de Karl Marx e Friedrich Engels causaram impactos duradouros em todo ativismo político de esquerda no

mundo desde o século XIX até os dias de hoje. Revoluções, revoltas, levantes, intifadas, greves, boicotes e tantos outros fenômenos insurgentes e contra-hegemônicos, envolvendo uma miríade de atores políticos, que têm sido impulsionados direta e indiretamente pelo legado teórico desses dois intelectuais alemães. Movimentos sociais de todo o mundo foram engendrados pelo paradigma marxista de ação coletiva. O marxismo foi influente, inclusive no campo do antirracismo, mesclando-se com tendências políticas existentes em vários contextos nacionais, como no movimento de Negritude em países de Caribe e França, no *Civil Rights* e *Black Power* Movimento nos Estados Unidos; Movimento de Libertação de países africanos e nos movimentos negros brasileiros... junção de várias organizações negras em uma frente de luta contra o racismo – a dissolução do “mito da democracia racial” e a insurgência de uma revolução negra estavam embrionariamente associados ao socialismo marxista de então (MOORE, 2010, p. 7-8).

Porém, Moore vem ao longo de seus estudos, iniciados nos anos de 1970, questionando os pilares epistemológicos contidos nas principais obras de Marx e Engels. Eis que à questão central “seriam racistas os autores do *Manifesto do Partido Comunista?*”, a resposta de Carlos Moore é de uma afirmação taxativa (MOORE, 2010, p. 9).

Moore salienta que o teórico marxista Erick Hobsbawn afirma que Marx e Engels tinham seus interesses voltado para o período do capitalismo, uma vez que, seus conhecimentos sobre épocas pré-capitalistas eram bem limitados, se comparados às suas análises sobre o capitalismo. “(...) no período em que foram elaboradas as Formen, eram escassos os estudos sobre a pré-história, sociedades comunais primitivas e América pré-colombiana e virtualmente inexistentes os relativos à África (...)” (MOORE, 2010, p.61).

Nesse sentido, Moore alega que a orientação eurocêntrica de Marx e Engels não se deve à escassez de material sobre esse assunto, afirmando que as teorias da época “Serviram não apenas para decifrar os enigmas que desafiavam a história, mas também para legitimar de um modo científico, a hegemonia do ocidente e a supremacia dos brancos” (MOORE, 2010, p. 63).

O autor afirma ainda que existe apenas uma observação feita pelos defensores da Teoria Marxista-leninista que visualiza uma única passagem nas obras de Marx e Engels destacando uma possível defesa à causa negra, assim expressa na obra que trata da guerra civil norte-americana (1861-1865), na qual Marx proclama: “O trabalho com uma pele branca não pode se emancipar onde o trabalho com uma pele negra é marcado a ferro” (MOORE, 2010, p.86). Tal narrativa tem sido uma constata nas discussões de Carlos Moore, pressuposto central em seus estudos, no qual entendemos ser uma polêmica infundada epistemologicamente.

Os autores do *Manifesto Comunista* têm em suas análises uma postura radical, cuja compreensão entende o movimento da complexidade do real como parte das relações

sociais mais amplas da sociedade, dentro da dinâmica sócio-histórica em que o compromisso teórico-metodológico e político é radicalizado ao tomar as coisas pela raiz. Ora, *a raiz, para o homem, é o próprio homem*, em defesa de uma luta revolucionária, emancipatória, sem explorados nem exploradores, daí, verifica-se a defesa universal do ser humano. Para auxiliar no debate dessa temática tensa, apropriamo-nos de obras centradas no debate “marxismo e questão racial”, elencadas a partir dos estudos de Silvio Almeida, as quais visualizam inúmeros estudos que se adequaram do legado de Karl Marx e Engels. Entre esses, destacamos: 1. *Black marxism: the making of black radical tradition*, “Marxismo negro: a construção da tradição negra radical” por Cedric Robinson, University of North Carolina Press, 2000; 2. “Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos” por C. L. R. James, São Paulo, Boitempo: 2010; 3. “Mulheres, raça e classe” por Angela Davis, São Paulo: Boitempo, 2016; 4. *Race, class and nation: ambiguous identities* “Raça, classe e nação: identidades ambíguas” por Étienne Balibar e Immanuel Wallerstein, London/NewYork, Verso: 2011; 5. *Arma da teoria: unidade e luta* por Amílcar Cabral, Seara Nova, 1978; 6. *Eurocentrism* por Samir Amin, Monthly Review Press, 2010, 7. “Dialética radical do Brasil negro” por Clóvis Moura; 8. “Da diáspora por Stuart Hall”, UFMG, 2006; 9. *How Europe underdeveloped Africa*, “Como a Europa subdesenvolveu a África” por Walter Rodney, African Tree Press, 2014; 10. “Escravidão e racismo” por Octávio Ianni, Hucitec, 1978; 11. “Brasil em preto e branco: o passado escravista” que não passou por Jacob Gorender, SENAC, 2000; e 12. “O significado do protesto negro por Florestan Fernandes”, Cortez, 1989, entre outras importantes obras.

Conforme Almeida (2014), racismo não é apenas uma questão ética, muito menos uma categoria jurídica ou um dado psicológico, mas uma relação social e, portanto, é estruturado política e economicamente. Enquanto relação social, configura-se de materialidade e historicidade, portanto não estaria à parte das análises da teoria social da totalidade da vida social. Logo, observa Almeida que, assim como nas obras de Marx e Engels, os “clássicos” marxistas (Vladimir Lenin, Karl Kautsky, Rosa Luxemburgo e Bruno Bauer) refletem acerca da relação que perpassa as questões relacionadas ao racismo, nacionalismo, colonialismo e a formação da economia (2014).

Logo, sinalizamos que o debate racial no pensamento marxista ganhou amplitude à medida que os impactos das grandes transformações sociais do século XX passaram a exigir posições teóricas numa perspectiva do real, para além da aparência do vivido. Temas como a constituição de subjetividade e de ideologia, o estado capitalista e as crises e o papel das minorias na luta de classes, bem como os diálogos com a psicanálise, a

fenomenologia, o estruturalismo e o pós-estruturalismo, ampliaram as possibilidades de uma análise marxista do racismo. Conforme Devulsky,

Quando Marx afirma no texto '*Travail salarié et capital*' [Trabalho assalariado e capital] que um negro é um negro de modo pejorativo, usando o termo equivalente a 'nêgo', a linguagem empregada revela o amálgama entre as condições materiais da escravidão e a condição/não condição de sujeito materiais 'trabalhador' radicalizado. Mesmo defendendo a abolição da escravidão, as circunstâncias históricas imprimem ao pensamento marxiano sua marca. Contudo, ele se vincula à determinação social, ou seja, relações de produção. [...] Para Marx, a condição negra só passa a ser uma condição (não) existencial relevante enquanto construção ideológica à medida que certas 'características' tornam-se úteis no corte de custo (DEVULSKY, 2018, p.35).

Nessa direção, Almeida afirma que diversos pensadores trataram do racismo partindo da análise de experiências históricas distintas e de múltiplas interpretações e apropriações dos conceitos abordados na literatura marxista. Entre as várias referências, destacaram-se nos Estados Unidos Oliver C. Cox, Angela Davis e Stokely Carmichael, os quais são referências fundamentais na luta dos negros estadunidenses; no continente africano e no contexto da resistência anticolonial, Amílcar Cabral, Kwame Nkrumah e Frantz Fanon produziram obras de grande influência. Ainda, sobre a realidade da escravidão e do racismo segundo a perspectiva caribenha, Walter Rodney, C. L. R. James e Eric Williams gestaram obras de relevo. E, quanto ao Brasil, destaca-se a importância de Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos e Clóvis Moura.

Logo, o referido autor compreende que a análise do fenômeno racial abre caminhos para que o marxismo dê visibilidade às relações sociais históricas em suas determinações sociais concretas e antagônicas, perpassando a dimensão universal e particular. Ao situar os conceitos de classe, estado, imperialismo, ideologia e acumulação primitiva, superexploração, crise e tantas outras concepções/abordagens ganharam concretude histórica e inteligibilidade quando informados pelas determinações raciais, sendo, portanto, essencial o estudo dessa, a fim de compreender as especificidades de cada formação social capitalista, especialmente nos países da América, do Caribe, da África e da Ásia (ALMEIDA, 2017).

Para a interpelação e o racismo no capital, os estudos de Patrícia Hill Collins e John Solomos retomam o debate canadense em torno do (s) marxismo (s). Du Bois, Gramsci, Althusser, Hall e Gilroy interseccionam a abordagem da luta de classes. Ainda identificamos uma importante interlocução entre classe, raça e gênero (DEVULSKY, 2018).

Centra-se nessa polêmica outra importante questão, o dossiê "Marxismo e questão racial" da última edição da revista semestral da Boitempo, a *Margem Esquerda*, a qual traz quatro artigos que introduzem algumas perspectivas possíveis de um debate ainda

inconcluso. Assim presente, o texto “Estado, racismo e materialismo”, Alessandra Devulsky destaca que o Estado, o direito e o racismo são componentes estruturais da reprodução do capitalismo; os “Dilemas da luta contra o racismo no contexto da ação direta do capital brasileiro contemporâneo”, diz Dennis de Oliveira, sinalizando o conceito de *ação direta do capital*, o avanço das políticas neoliberais à luz do estágio do capital financeiro e seus rebatimentos associados ao extermínio da população negra. Márcio Farias, em “Pensamento social brasileiro e relações raciais no Brasil: a análise marxista de Clóvis Moura”, referenda contribuições na articulação entre marxismo, escravidão e a formação social brasileira. Sem deixar de situar a provocação de Rosane Borges ao discutir “Feminismos negros e marxismo: quem deve a quem?”, numa relação teórica e prática entre feminismo negro e marxismo (ALMEIDA,2018).

Então, entendemos que o conjunto de importantes produções científicas, alicerçadas teórico-metodologicamente em categorias e conceitos do pensamento da teoria social de Karl Mark, contribuem exponencialmente para alargar as reflexões étnico-raciais. Certamente, os sujeitos políticos em suas lutas cotidianas recorrem a elementos explicativos da realidade e que, portanto, sejam estratégicos às lutas contra o racismo e qualquer forma de preconceito.

3-Considerações Finais⁴

A partir das discussões apresentadas neste artigo, passamos a indagar: “qual o sentido de dicotomizar raça e classe, sem vê-las num movimento imbricado na dominação burguesa e capitalista?”. A luta pela construção da identidade étnico-racial e contra o racismo é fundamental para o combate à exploração capitalista e para unificar a lutas dos (as) trabalhador (as) brasileiro (as). Raça e classe, mais uma vez, são articuladas dentro do conjunto dos autores marxistas e marxianos, certamente porque encontram nessa teoria conceitos, categorias e mediações sócio-históricas capazes de analisar a dinâmica do real. Logo, a teoria marxista tem caráter de práxis revolucionária e, portanto, tem sido apropriada exponencialmente pelos coletivos negros em cotidiano de estudo, pesquisa e produção de conhecimento, assim como, ferramenta nas lutas das classes anticapitalista e antirracista.

⁴ Este material é parte dos estudos e pesquisa bibliográfica que vem sendo realizado pelo Projeto Universal, financiado pelo CNPq - projeto de pesquisa Edital Universal MCTI/CNPq 01/2018.

Daí visualizamos importantes mediações sócio-históricas, as quais nos aproximam das imbricadas relações entre classes e raças e, portanto, dissociá-las é no mínimo um equívoco de caráter histórico, teórico-metodológico e prático, embora compreendamos não haver nos estudos marxianos nenhum tratamento específico à abordagem da questão étnico-racial.

4-REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, Rev. DireitoPráxis. Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 2581-2589, 2018.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Política Social no capitalismo tardio**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DEVULUSKY, Alessandro. Uma leitura marxista da questão identitária no direito. **Revista Boitempo, Margem Esquerda**, n. 30, 1º semestre de 2018. Dossiê marxismo e Direito.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I - o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 1984. Vols I e II, L.1.

MOORE, Carlos. **O Marxismo e a Questão Racial: Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão**, Belo Horizonte, Nandyala, Uberlândia: Cenafro 2010 (Coleção repensando a África, volume 5).

MOURA, Clóvis. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. **Afro-Ásia**, Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 14, 1983.